EDITORA da FUNDARTE
REVISTA DA FUNDARTE
ANO 17 / NÚMERO 33 / JANEIRO A JULHO DE 2017



Interdisciplinaridades artísticas[1]

Fernando Pinheiro Villar[2] (UnB)

Interdisciplinaridade é apontada como conceito-chave em estudos culturais contemporâneos. Nuances interdisciplinares nas artes e nas ciências ou obras interdisciplinares artísticas não podem ser mais ignoradas em sua notória presença em nossa contemporaneidade. Práticas artisticamente interdisciplinares têm uma história que remonta a séculos antes de Cristo na prática oriental, se focarmos no *Natya-Sastra*, o manual indiano para artistas cênicos, ou nos festivais gregos.[3] Artistas do *quattrocento* renascentista italiano e a ópera barroca apresentam impulsos interdisciplinares claros. Esses impulsos se aceleram de forma radical nas sucessivas transformações estéticas promovidas pelas vanguardas históricas das últimas décadas do século XIX e das três primeiras décadas do século XX e as vanguardas pós-Segunda Guerra Mundial. Pós 1968 e pós *Performance Art*, tanto o omnipresente conceito, metodologia de pesquisa e crítica de performance quanto as performances artísticas

[1] Este artigo foi publicado com o mesmo título em Santana, Arão Paranaguá de (coord.), *Visões da Ilha: apontamentos sobre teatro e educação* (São Luís: UFMA, 2003), pp. 115-20. Comunicação homônima foi apresentada em São Luís (MA) durante o III Encontro Humanístico/Colóquio Teatro e Contemporaneidade da Universidade Federal do Maranhão em agosto de 2002. A numeração das páginas desta palestra segue a numeração da publicação de São Luís. Por isso alguns parágrafos ou frases foram reformatados para seguir a numeração da publicação mencionada e facilitar a citação, caso necessário. Este artigo/palestra/aula utiliza trechos de outra comunicação, 'performanceS' (2002), publicada nos Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC, CD-ROM (Belo Horizonte, 2002), S41 – C9.pdf e posteriormente em Carreira, Villar, Grammont, Ravetti e Rojo (2003).

[2] Fernando Pinheiro Villar (UnB): É autor, encenador e diretor. Professor da graduação e pós-graduação do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Graduado na UnB em Artes Plásticas, pós-graduado em Direção no Drama Studio London e PhD no Queen Mary College/University of London. Fundador dos grupos Vidas Erradas (83-89), TUCAN (92-08) e CHIA, LIIAA! (2007), tem trabalhado com diversos grupos, artistas e instituições de ensino do Brasil e Europa. Professor visitante na University of Manchester e na UNICAMP, com vários artigos publicados e alguns livros organizados sobre teatro, performance e hibridismos artísticos contemporâneos.

[3] Nota para palestra: a única breve explanação sobre o *Natya-Sastra* que encontrei em português até 2003 foi no *História mundial do teatro* de Margot Berthold (São Paulo: Perspectiva, 2000).

PINHEIRO VILLAR, Fernando. Interdisicplinaridades artísticas. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 17, n. 33,p. 188-193, jan/jul 2017.Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>. 14 de julho de 2017



desenvolvidas nas duas últimas décadas do século XX reforçam a necessidade de abordar-se interdisciplinaridade entre as artes.

Esta brevíssima perspectiva histórica objetiva apontar uma presença e uma necessidade de estudos de um fenômeno interdisciplinar entre as artes. Nem interdisciplinaridades artísticas nem interdisciplinaridade indicam terrenos tranquilos para taxonomias. Nos múltiplos ângulos e mundos simultâneos e paradoxais da supermodernidade, interdisciplinaridade – como performance – também pode ter uso indevido ou diletante.

Também como performance, 'interdisciplinaridade' tem desafiado certezas epistemológicas. Isto é notório no final da década de 1960 e provoca congressos e estudos europeus para delimitar entendimentos dos diferentes usos do conceito. Esses diferentes usos são multiplicados por nuances interdisciplinares relacionadas, tais como multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade ou disciplinaridade cruzada. E o uso frequente do termo transdisciplinaridade nas décadas de 1980 e 1990 demanda aqui uma tentativa de diferenciação destes diferentes termos para tentar clarear uma ideia sobre interdisciplinaridade artística.[4]

Antes de tudo, é importante delimitar um entendimento de disciplina como área de conhecimento com seus próprios conteúdos, métodos e práticas. A função anárquica das disciplinas artísticas e seus cruzamentos distanciam este entendimento de disciplina das associações com noções de ordem, subordinação, autoridade, castigo ou rigidez. Como bem diz meu colega Elder Rocha Lima Filho, a história da arte é a história da liberdade. Dentro deste entendimento, as artessão disciplinas enquanto áreas de conhecimento e disciplinas artísticas seriam linguagens com diferentes materiais, procedimentos, métodos e discursos.

Multidisciplinaridade congrega diferentes disciplinas, mas não estabelece conexões entre elas, como alguns currículos escolares e shows multimídia podem ilustrar. Pluridisciplinaridade ou disciplinaridade cruzada caracteriza uma disciplina

[4] Nesta empreitada, os estudos de Japiassu (1976), Fazenda (1991) e Orthoff (1994) foram fundamentais.



apoiando-se em outra para descobertas próprias, como, por exemplo, estudos sobre a matemática da dança ou a história da antropologia. Transdisciplinaridade seria o transitar entre diferentes disciplinas sem perder uma base disciplinar própria.

Na última década, podemos encontrar novas propostas em torno de disciplinaridades. Judith Butler (1990) e Baz Englers (1996) propõem a discussão de 'pós-disciplinaridades'. Dwight Conquergood e Joseph Roach definem performance para Marvin Carlson como uma 'anti-disciplina' (1996, 189). Fechando a década, Roy Ascott usa o termo 'umídia' (*moistmedia*) para descrever um interespaço entre o mundo seco da virtualidade e o mundo molhado da natureza (1999, 9). Pós-disciplinaridades, anti-disciplinas e umídias atestam todas processos interdisciplinares. Como interdisciplinas artísticas, pós-disciplinas, antidisciplinas e umídias são 'intermídias' (Higgins 1978), são resultantes de disciplinas que dialogaram ou digladiaram-se através de encontro, troca, negociações e/ou choque, gerando uma nova disciplina.

Para deixar claro este entendimento de interdisciplinaridade, Roland Barthes me é precioso em sua contundente definição da mesma:

> Interdisciplinaridade não é a calmaria de uma segurança fácil; interdisciplinaridade começa efetivamente (oposta à mera expressão de um desejo forte) quando a solidariedade das velhas disciplinas é quebrada – talvez mesmo violentamente […] – no interesse de um novo objeto e uma nova linguagem, nenhum dos quais tem um lugar no campo das ciências que seriam trazidas juntas pacificamente: é precisamente o desconforto com classificação que permite a diagnose de uma certa mutação (1977, 155).

Assim sendo, meu entendimento de interdisciplinaridade não confere com o simples juntar de disciplinas diferentes ou, muito menos, com o improdutivo de realidades pseudointerdisciplinares, que não se tocam nem se trocam. Investigo interdisciplinaridade artística para estudar, ensinar e praticar negociações e intercâmbios entre diferentes linguagens ou disciplinas artísticas que resultaram em novos campos de ação, em outros territórios de mutação artística e de



possibilidades expressivas. Interdisciplinas artísticas seriam então outras disciplinas ou intermídias, tais como a já citada *performance art*, dança teatro, *butoh*, música teatro, arte computacional, teatro acústico, teatro digital, instalação, robótica, teatro performance, crítica em performance ou videopoesia.

Procedimentos interdisciplinares nas artes continuam a desafiar taxonomias e a indicar novos desdobramentos ou mutações. Se o hibridismo e migrações artísticas flagrantes durante todo o século XX não podem ser negados, processos e obras interdisciplinares demandam mais estudos. Não comungo da opinião que interdisciplinaridade signifique a redenção do saber, a fórmula do conhecimento ou o encontro da disciplina única e definitiva. Interdisciplinaridade artística pode ser uma importante ferramenta para se entender novas trilhas da contemporaneidade que nos desafia. Termos como fusão, *crossover*, multimídia, rizomas, rede, teia, leque, hibridismo, Espanhês, primitivos modernos, bicuriosos, binacionalidades, glocal e/ou mestiçagem são todos termos que contêm graus de interdisciplinaridade. São nuances de um mundo que se transforma, irradiando outros conceitos étnicos, sexuais, familiares, sociais e artísticos, que, por sua vez, exigem trocas disciplinares complementares e suplementares para o seu entendimento.

Terroristas oficiais e disfarçados continuam a defender fronteiras imutáveis e a dividir pessoas quando só existe uma raça, a humana. Enquanto a natureza se delicia com a diversidade, interesses econômicos impõem modelos hegemônicos, injustos e uniformizantes que querem evitar a particularidade, a convivência ou a diferença. Os mercados globalizados nos orgasmos múltiplos do capitalismo selvagem conquistam novas trilhas para o livre fluir de capitais, mas não de pessoas.

A paz, o livre exercício de sexualidades, igualdade, novas fronteiras e o assentamento de pessoas em condições mais justas são evitados no Brasil e no mundo por problemas pessoais mal resolvidos, interesses escusos e paranoias governamentais. A pesquisadora independente Lucia Sander me lembra, em



conversa, que Einstein dizia que “é mais fácil dividir um átomo que destruir um preconceito”. E Susan Sontag afirmou, anos depois, que a história do preconceito é tão antiga quanto a história das questões pessoais mal resolvidas. As artes, incluindo performance e outras interdisciplinas artísticas, vazam esses escudos antitransformações e tentam exemplificar outras possibilidades de outros mundos, simultâneos e distintos, que se trocam e produzem outros mundos, inclusivos e questionadores de absolutismos restringentes. A batalha continua, sintomática, enigmática e performática.

Referências

Ascott, Roy, ‘Arte emergente: interativa, tecnoética, e úmida’, trad. Cléria Maria Costa, *Anais do 1 Encontro Internacional de Arte e Tecnologia* (Brasília: Universidade de Brasília, 1999), pp.19-29

Barthes, Roland, *Image-Music-Text*, trad. Stephen Heath (Nova York: Hill and Wang, 1977)

Butler, Judith, *Gender Trouble* (Londres e Nova York: Routledge, 1990)

Campbell, Patrick, ed., *Analysing Performance: A Critical Reader* (Manchester e Nova York: Manchester University Press, 1996)

Carlson, Marvin, *Performance: A Critical Introduction* (Londres e Nova York: Routledge, 1996)

Engler, Balz, ‘Postdisciplinarity’, in *Language and Literature Today* (Brasília: Universidade de Brasília, 1996), pp. 852-9

Fazenda, Ivani Catarina Arantes, *Interdisciplinaridade: um projeto em parceria* (São Paulo: Loyola, 1991)

Higgins, Dick, *A Dialectics of Centuries* (Nova York e Barton: Printed Editions, 1978)

Japiassu, Hilton, *Interdisciplinaridade e patologia do saber* (Rio de Janeiro: Imago, 1976)

Orthoff, Geraldo, *Tradição e inovação, especialização e interdisciplinaridade no ensino das artes* (Brasília: Editora D., 1994)



Villar, Fernando Pinheiro, 'performanceS', *Anais do VIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC)*, Belo Horizonte, julho 2002, CD-ROM, arq. S41-C9.pdf [Nota para palestra: e em Carreira, André; Villar, Fernando Pinheiro; Grammont, Guiomar de; Ravetti, Graziela e Rojo, Sara, *Mediações performáticas latino-americanas* (Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003), pp. 71-80]

Queiroz, Fernando Antonio Pinheiro Villar de, 'Will All the World Become a Stage? The *Big Opera Mundi* of La Fura dels Baus', *Romance Quarterly*, 46.4, (1999), pp. 248-54

_____, 'Artistic Interdisciplinarity and La Fura dels Baus (1979-1989)', tese de PHD, defendida e aprovada em 08 de janeiro de 2001, Senate House, University of London (2001).